

O mais firme laço conjugal

(Quadro de Boyriveau).

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 4\$800
Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.

A cobrança feita pelo correlo ou pelo entregador,
acresce o impor.e das despezas.

Extrangeiro — Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs.



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

—○○—

Proprietario Joaquim A. Pereira Villela. Director Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto

Braga, 22 de Março de 1919

Redacção, Administração e Typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 294—Anno VI



Uma lavadeira de Vizella



Solatio est miseris...

ESTÁ visto que sidonistas e unionistas são os sacrificados da republica implantada em 15 do mez passado.

Collaboraram efficazmente na revolta do Porto, e nas columnas que marcharam contra a capital do norte. Os officiaes que vieram para a rua no referido dia, — muito embora cinco agaloados ao mesmo tempo apparecessem a arrogar-se a *gloria* de haverem trazido para a revolta o 6 d'infantaria — esses officiaes eram incontestadamente sidonistas. A figura militar que maior relevo tomou no acto restaurador, o capitão Pimentel, veio declarar logo em 15 que era «republicano historico e sidonista da *gemma*». Não sei que parte teem os ovos n'estas coisas, hoje assaz complicadas, de convicções politicas, como ignoro que differença existe entre um sidonista *da gemma*, um sidonista *da clara* ou um sidonista *da casca*. O que sei é que os sacrificados ao Moloch revolucionario que devora no seio em chammas, como o do apavorante idolo phenicio, a carne innocente do funcionario publico, — são aquellas duas especies de politicos republicanos. E' a fatalidade: não sei quem foi que comparou ha annos a Revolução ao Saturno na mythologia. Na de 1789, ha um episodio muito impressivo de flagrancia que pode explicar as frequentes fugas do sr. Camacho para Aljustrel, e servir de consolo ás inditosas victimas do civil armado. Foi o seguinte.

A quando da secularisação dos bens ecclesiasticos, riqueza volvida em espólio para sociedade de famintos e de devoristas, nem só clerigos foram feridos, houve tambem victimas por repercussão. Entre os possuidores e fruidores de beneficios contava-se gente *du monde*, letrados, abbades apenas no nome, e muitas vezes amigos dos *philosophos* da Encyclopedia. Haviam sido empolgados pelo phrenesim das novidades e das reformas. Eis que a mesma revolução que lhes exalçava as ideias, lhes derubava as fortunas! Ora entre estes infortunados figurava um célebre padre Morellet que em 1788 obtivera um beneficio com 16000 libras de renda cumulado por 4000 de pensão, que d'est'arte lhe proporcionava rasoavel propapia na sociedade. Tudo foi a terra! E o padre, repetindo como bom latinista que era o *Barbarus has se gestes* do classico texto, foi queixar-se a Mirabeau da venda em hasta publica d'aquillo que era seu, d'elle amigo da Revolução.

Attentem bem agora os sidonistas e unionis-

tas na resposta do tribuno picado das bexigas que Talleyrand havia de epigrammar na convenção.

— Que quer, meu caro? A sua sorte é a dos soldados feridos n'um exercito victorioso...

Desconhece-se a réplica do clerigo que se diz, não era pêcco de espirito nem de lingua. Os nossos unionistas e sidonistas, julgo que não primam por essas qualidades. Pertencem ao numero dos que em bom estylo portuguez contemporaneo *levam e collam*; e se por algum conforto podem suspirar topal-o hão no ostracismo d'alguns democraticos, entre os quaes o proprio chefe.

Ha tempos em Villa Nova de Famalicão, passava uma pequena força de artilharia. Ao vê-la, um tal José do Carmo que não conheço deu um viva ao sr. Affonso Costa. Um cabo ou sargento, sahiu do grupo apontou uma pistola ao victoriador, a quem desafiou que *repetisse o insulto*, visto como *aquelle homem nunca mais aqui tornou a pôr os pés*.

No Porto contaram-me o seguinte caso que emparelha com este:

Certo individuo é preso e interrogado no commissariado sobre suas presumidas opiniões monarchicas. Defende-se negando, e invocando o testemunho de republicanos cathegorisados.

— Diga lá o nome de um!

— O snr. dr. Pereira Osorio, ex-governador civil democratico do Porto...

— Esse não serve. Diga outro!

Imagino em que apuros se veria o *paciente* que é como no Brazil forense se designam os réus. Não é assim facil alcançar o salvo conducto d'um *stok* de republicanos graduados para salvar a pelle, n'estes tempos em que a gradação politica passou a contar-se nas respectivas escalas, de baixo para cima, tal e qual como a escripta chinesa.

Deixo aos philólogos e grammáticos o cuidado de explicar se isto é inversão, revolução, ou subversão. Pendo a crêr que seja esta ultima porque vi hontem que o simples factio de guardar em casa durante o dominio da Junta a bandeira republicana que soia ser arvoreada no mastro da frontaria d'um quartel, valeu a um cidadão, entrado no negocio como Pilatos no crêdo a Commenda de *Christo*, conferida pelo governo d'um regime que não acredita em Deus nem em Santa Maria. Isto vaebem. Boas noites.

F. V.



O Papa e a Polónia

(Por Eduardo de Noronha)

BM fins de 1915 a Polónia, retalhada, soffria talvez mais do que nenhum outro paiz da Europa as devastações e horrores da guerra. A miseria tanto se cevou n'aquelle desolado paiz que o actual chefe da igreja catholica, Sua Santidade o papa Benedicto XV, ordenou que no primeiro domingo de novembro se rezassem em todas as igrejas do mundo algumas preces, a fim de implorar ao Omnipotente a sua clemencia para esse desventurado paiz.

Cumpriram-se as ordens do Pontifice. Em todos os templos, por occasião da missa conventual, resaram-se por tres vezes, á Epistola, as orações *Nosso Pae* e *Eu vos saúdo, Maria*, e cantaram-se, ao terminar o Santo Sacrificio, o *Sul tuum praesidium* com o versiculo *Ora pro vobis* e a oração *Defende* (*inter orationes ad diversa*, 8). Alem d'isto, a rogo do episcopado polaco, houve peditorio com o intuito de obter auxilio para os milhares de desditosos que na Polónia se batiam na mais estupenda penuria

Henrick Sienkiewicz o conhecido auctor do popularissimo romance *Quo Vadis?* escreveu ao então secretario de Estado do Vaticano, cardeal Gasparri, a seguinte carta :

Eminencia :

«Se ousou dirigir-me a Vossa Eminencia mais uma vez não é para alcançar uma nova graça, mas para lhe agradecer do fundo do meu coração a bondade affectuosa dispensada á minha querida patria, bem como á solicitude patenteada em favor das desgraçadas victimas da guerra na Polónia. Graças a essa solicitude, Eminencia, milhares de creanças polacas serão subtraídas a uma morte certa; milhares de homens vos ficarão devendo a sua existencia, a sua vida.

Qualquer que seja o resultado da subscrição, recomendada pelo Soberano Pontifice em favor da Polónia, a nossa gratidão será infinita; teremos adquirido a certeza de que é somente e antes de tudo á Santa Sé que é preciso recorrer na hora da calamidade e do sofrimento.

Á nação polaca foi sempre profundamente catholica; a sua fé resistiu ás mais duros provas, mas a bondade paternal do Santo Padre, assim como o amor por elle testemunhado á nossa patria, tornam a sua pessoa particularmente querida e venerada. O nome de Benedicto XV é invocado com filial ternura em cada canto do nosso vasto paiz, hoje regado de sangue e de lagrimas.

Todos os olhos se voltam cheios de esperanza para aquelle que, mesmo que o mundo inteiro abandonasse a Polónia ás suas desventuras, encontraria ainda meio de ser para ella o melhor, o mais generoso dos paes, um protector, Praza á Providencia permittir que o povo polaco possa mostrar um dia a sua dedicacão e o seu reconhecimento por obras, e não apenas por palavras!

Veuey, 6 de novembro de 1916.

Henrik Sienkiewicz.

Pouco depois da publicação d'esta carta correu o boato de que o patriotico romancista polaco fôra preso pelos austriacos. Tal não succedeu. Encontrava-se com sua familia na sua propriedade de Kielce, na antiga Polonia russa, quando as tropas austro-hungaras do general Dankl occuparam essa localidade. O escriptor demorou-se ainda dez dias em Kielce apoz a occupação austriaca, depois obteve licença para se transferir para Cracovia. A jornada, n'uma carruagem puxada por cavallos, durou dois dias. De Cracovia, Sienkiwicz partiu para Vienna, d'onde mais tarde seguiu para o Tyrol e de lá para a Suissa.

Presidente da commissão geral das victimas da guerra na Polonia, comprehendendo os representantes de todos os pontos d'esse paiz, lançou um appello aos povos civilizados, no qual traçava o commovedor quadro de profunda miseria, de desolação e de fome que soffriam e ainda soffrem milhões de polacos. N'esse appello pedia-se aos povos que secundassem os esforços da commissão para arrancar a Polonia á mais horrivel agonia e permittir que a nação polaca sobrevivesse na plenitude das suas forças a essa hora de suprema prova e que aguardasse com a esperança na alma a proxima hora de resurreição.

Henrik Sienkiwicz não pode vêr esse resurgimento, hoje em via de realisar-se.

Pouco tempo depois de morrer era entregue á Legião polaca, que combateu mais tarde

ao lado das tropas francezas, com o cerimonial militar do costume, a bandeira d'aquella nação, constituída por duas tiras horisontaes, vermelha e branca, sobrepostas. O exercito francez, como em geral todos os exercitos, copiaram dos lanceiros polacos a *chapska* (barretina typica) a farda com peitilho e a lança de bandeirola bicolor que caracterizavam os cavalleiros do marechal de Napoleão I, embora polaco, Poniatovski; como copiaram dos hungaros os hussares com o *talpack* de bolsa encarnada pendida, o sabre curvo e a fardeta com alamares.

Os polacos, povo essencialmente militar, não pondendo ou não querendo servir nas nações que avassalavam a sua patria, alistavam-se no exercito das potencias com que sympathizavam. Em França, no tempo do primeiro e segundo imperador, havia muitos officiaes d'essa nacionalidade alistados no exercito. No exercito portuguez, quer combatendo na guerra peninsular, quer pelejando n'alguma das facções das nossas luctas intestinas, houve bastantes, sendo o ultimo o general José Carlos Courado de Chelmicki, nascido em Varsovia, e commandante da 4.^a divisão, com séde em Evora.

Parece que a Polonia, paiz essencialmente catholico, será de novo reconstituída. Valeu-lhe no periodo agudo da conflagração a acção benefica do Soberano Pontifice e da Curia Romana. Esse auxilio da egreja foi pronuncio da sua futura resurreição.

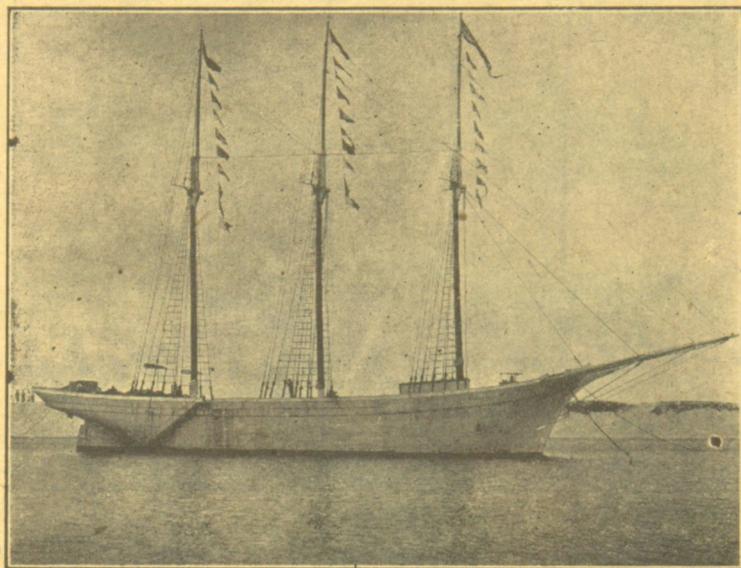


A CRUZ

Conto de Paulo Acker.

A NNA-MARIA de Thiëlle, escapara, graças á dedicação d'um velho creado, ao furor da canalha, no dia em que, esta invadindo a casa de seus paes, os tinham detido e conduzido á prisão de Luxemburgo. Occulta uma semana inteira n'um sofá onde só podia estar sentada, de lá

bida na côrte. A menina Thiëlle, educada no culto da realeza por uma mãe e um pae, nobremente fanaticos, nunca fôra, pois, apresentada nem ao rei nem á rainha; vira-os ainda creança pela primeira vez em Paris, no dia em que tinham entrado como delfins; elle, erguendo Anna-Maria um minuto nos braços, déra-



O «Rio Cavado» construido nos estaleiros de Fão e lançado á agua ha poucas semanas.

Phot. A. Soucasaux.

sahiu disfarçada em mulher do povo e alcançou sem perigo a rua de S. Thiago: alli uma lavadeira que sua mãe havia pouco salvára da ruina offereceu-lhe hospitalidade tomando a como operaria.

Anna-Maria acabava de perfazer os vinte e cinco annos de idade; loira, de olhos claros, delgada e alta, occultava sob uma apparencia de fraqueza uma grande energia, a um tempo piedosa e romanesca. Era sua familia de nobreza demasiado pequena para poder ser rece-

lhe um beijo e entregara-lhe uma prenda, e este beijo devia ter na vida da pequenita uma importancia singular. Pareceu a seus paes que semelhante prova da bondade real distinguia para sempre Anna-Maria de todas as outras creanças. Não carecia ella porém, de que lhe desenvolvessem em si a impressão que aquelle minuto lhe deixára; o beijo do delfim devia ficar sendo para sempre o unico orgulho da sua alma terna e chimerica.

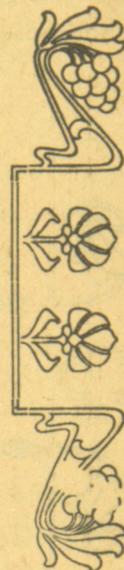
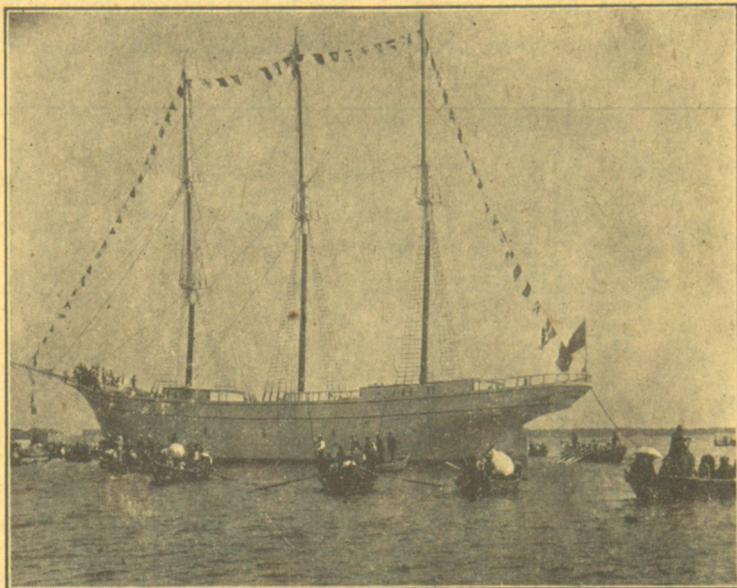
Transcorreram annos; o delfim tornou-se

rei; a menina Thiëlle voltou a avistá-lo com largos intervallos, quer em Versailles quer em Paris; passava dentro da sua carroça real, tirada a galope, e a custo o podia vêr; mas a cada encontro a mesma e profunda emoção a empolgava.

Muitos jovens haviam pedido a sua mão; e ella recusou-a respondendo simplesmente a quem procurava conhecer o motivo de tal recusa, que nunca quereria casar-se.

Na verdade, a menina Thiëlle amava o rei, com um amor não profano, mas secreto, casto,

vestia branca, uns calções de sêda cinzenta e meias brancas, a face muito corada, o seu rei vinha para o cadafalso, de pé, n'uma carrêta verde, acompanhado por um confessor e dois policias. A menina Thiëlle não chorava; durante alguns segundos fixou seus olhos em Luiz com uma vontade ardente de chamar para si a attenção d'elle. Logo baixou, porém, a cabeça não se julgando digna de prender o olhar de um soberano que o martyrio coroava e o céu ia receber entre os eleitos. O rosto inclinado, de mãos postas, ella começou a resar. Bate-



O «Espozende 1.º» construido e lançado pela mesma occasião.

Phot. A. Soucasaux.

mystico: pertencia-lhe plenamente, e só porque outr'ora elle poisára seus labios nas faces d'ella, jurára votar-lhe mysteriosamente toda a sua vida. A Revolução estalou: a menina Thiëlle assistiu espantada, revoltada, desesperada, ao quotidiano enfraquecimento da realleza, e em seguida ao seu desabar. Seus paes haviam decidido emigrar: ella impediu-lh'o, reputando criminoso fugir enquanto o rei estivesse em Paris. Foram presos.

A 21 de janeiro de 1793, achava-se ella, vestida de operaria, entre a multidão que se apinhava na praça da Revolução. Trajando uma

ram 10 horas: Luiz desceu... rufaram os tambores... Santerre impoz silencio... Quando a menina Thiëlle reergueu os olhos, o rei já não existia. Os tambores rufaram outra vez.

N'aquelle dia caminhou ella para a lavanderia da rua de S. Thiago, como uma autó-mata. Não via nada do que a rodeava, senão a imagem do rei levado á morte, e não concebia que apoz tão grande crime o mundo pudesse subsistir: ella mesma como vivia ainda? Durante os dias que se lhe seguiram, não cessaram as suas orações de subir para Deus. Soube-se que o corpo do rei fôra sepultado

n'um cemiteriosinho da Magdalena, na rua de Anjou. E então um só pensamento obsecou o espirito da menina Thiëlle: Luiz tinha sido enterrado segundo os ritos religiosos, e sobretudo haveria sobre a campa em que elle repousava uma cruz, essa cruz que protege o derradeiro somno do christão adormecido nos braços do Senhor?

Sua alma piedosa atava-se como tomada de superstição á presença d'aquella cruz: parecia-lhe que um tumulo onde ella não se erguesse, seria quasi pagão, e que dentro d'elle o morto deveria soffrer muito. Em vão procurava o meio de saber a verdade: mas como ir ter com o coveiro, provocal-o a que fallasse, e lhe mostrasse o logar onde fôra cavada a campa? E se faltasse a cruz, como suportaria elle que ella lá plantasse uma? Não se arriscaria á guilhotina? Não seria esse homem um ardoroso jacobino? A menina Thiëlle consumia-se na desolação e na inquietação. . .

Na primeira semana de fevereiro, resolveu a menina Thiëlle ir pessoalmente informar-se, bem que não tivesse pensado sequer no seu modo de proceder; sustentava-a porém, uma especie de fé. No dia 7 de manhãinha, com a coifa gommada que distinguia as mulheres do povo, uma gravatinha branca crusada ao peçoço, dissimulando sob um grande chale prêto uma cruzinha de madeira que fabricára com

suas mãos, deixou a rua de S. Thiago. Atravessando a ponte de Nossa Senhora, julgou observar que a seguiam. Virou-se, um homem roçou por ella, vestido de camisola azul, surradas calças ás riscas vermelhas, e calçando grossos sapatos. Depressa passou adeante d'ella, como mais cuidadoso de outra coisa que de espiar, mas no caes dos Traficantes, e depois na rua de S. Honorato, outra vez estava atraz da menina Thëlle. Em vão demorava ella o passo, logo elle demorava o seu. No entanto, em frente da igreja da Magdalena o homem desapareceu. Estava a principiar uma missa resada: a menina Thiëlle ouviu-a por intenção do rei, não que então fosse permittido rezar por elle, mas porque o invocava. Uma mulhersinha offereceu-lhe uma vélinha para acender em honra do Santissimo Sacramento. Interrogou-a ella sobre a inhumação do rei, a principio timidamente; mas a interrogada era creatura arrojada e respondeu.

A menina Thiëlle então aventurou-se perguntou. A mulher pouco sabia, mas propoz guial-a até á porta do cemiterio. A porta estava fechada; e já ambas se decidiam a vir-se embora, apoz alguns minutos de espera, quando o coveiro appareceu. A guia conhecia-o, e elle consentiu em deixar entrar a menina Thiëlle.

(Continua.)

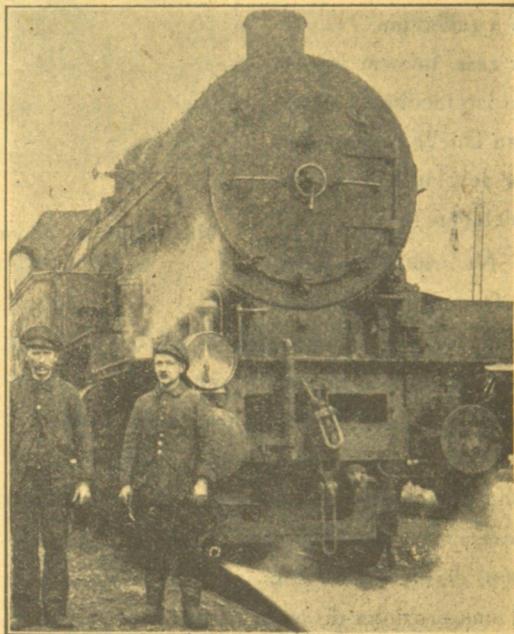


Alferes José dos Santos Douzel, quando em combates na Africa Occidental, onde ficou ferido.

GUERRA EUROPEIA



A comissão de delegados para a legislação do trabalho, reunida em Paris onde figuram os representantes de todas as nações alliadas.



1) Inglaterra — A princeza de Connaught condecorando a bandeira d'um regimento do seu nome em Bramahoff, quando voltou da Franca. — 2) Uma das primeiras locomotivas allemães entregue aos alliados.

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clerigo d'ordens sacras, que deseja alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de maestia actual, ou habitual (paravras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcepreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercio das suas ordens, exerce o cargo de . . . e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

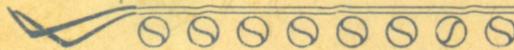
Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clerigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 80, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Larenjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Mauuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochia de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaça.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

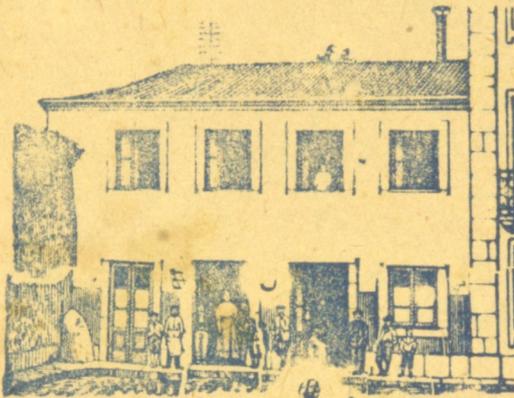
Este, concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João: faculta a livraria aos socios, que a desejaram consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no reterido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.



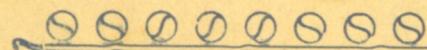
FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Gasa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado d'este genero



Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial, e Instrucção Primaria.

Colégio Académico

GUIMARÃES

Campo da Misericórdia

A casa de educação e ensino mais
antiga desta cidade

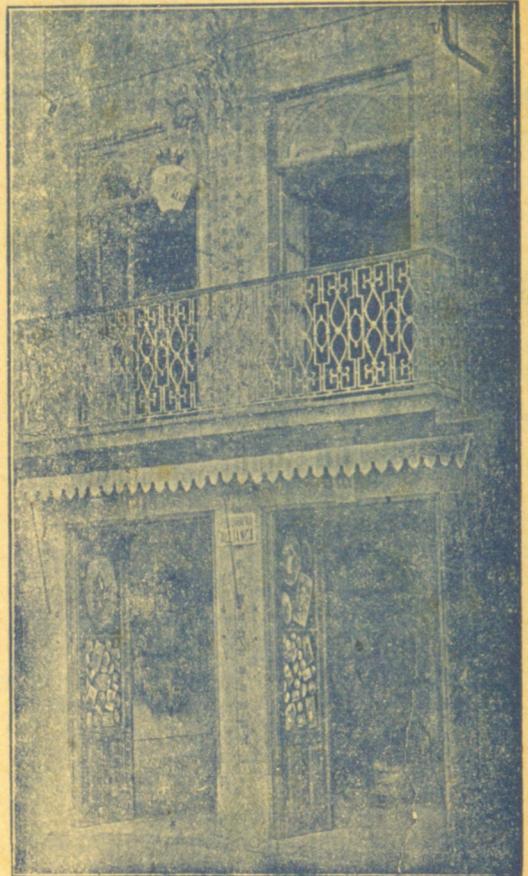
Bons resultados nos exames e sólida
educação são o seu réclame.

Pedidos aos directores

Dr. Alfredo Peixoto

Luiz Gonzaga Pereira

D.º José Maria dos Santos



PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA

44 Praça Alexandre Herculano, 45

BRAGA